



## BRINCADEIRAS DE ONTEM E HOJE: VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Eixo-temático: Estágio supervisionado

Marcella Thaianne de Lima Silva

Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

marcellalimas2@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo foi desenvolvido baseado nas experiências vivenciadas na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 4- Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental A, em uma turma do 4º ano. A referida disciplina é componente curricular obrigatório para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Almeja-se retratar a inserção, as observações e as vivências em sala de aula realizadas em uma escola municipal de Recife - PE. A escola atende aos níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. O trabalho tece considerações sobre as metodologias utilizadas nas quatro aulas que contemplaram uma proposta interdisciplinar de história e língua portuguesa. O referencial teórico foi elaborado com base na perspectiva do letramento e dos gêneros entrevista e instrucional. Para o ensino da história deu-se ênfase no compartilhar de experiências, rupturas e permanências das brincadeiras ao longo das épocas. A turma foi composta por vinte e dois alunos. Não houve resistência para a realização das atividades propostas pela estagiária. Conclui-se, a partir desse estudo que o estágio supervisionado constitui-se como relevante tanto para a escola, quanto para alunos e professores da disciplina pesquisa e prática pedagógica uma vez que contribuiu para um repensar das práticas pedagógicas dos professores na escola pública de modo que permita a efetiva aprendizagem de crianças de baixa renda no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Ensino Fundamental. Brincadeiras.

### 1 – INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de uma experiência de estágio supervisionado no Ensino Fundamental I que foi desenvolvido em uma escola municipal situada no bairro da Várzea,



que é mantida pela prefeitura da cidade do Recife-PE. A escola atende aos níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de jovens e adultos.

Este estágio é uma proposta dirigida a estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, de modo particular, para aqueles matriculados na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica 4- Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental A .

A carga horária do estágio foi distribuída da seguinte forma: uma visita para conhecimento da escola e solicitação de anuência para realização do estágio; duas observações da prática pedagógica para conhecimento da turma, da professora, e da dinâmica do espaço escolar; quatro regências de aulas envolvendo o ensino da língua portuguesa e o ensino de história. As aulas foram especificamente ministradas em uma turma do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O Estágio é um momento relevante para a formação de licenciandos, pois, almeja preparar alunos para um futuro exercício da profissão docente. O presente artigo tem como objetivo retratar as vivências em sala de aula. Assim, serão descritas as ações realizadas ao longo da disciplina, tais como: caracterização do ambiente de intervenção, processo de inserção na escola, discussão dos elementos que foram tomados como referência para a regência das aulas, descrição e análise das experiências educativas vivenciadas em sala de aula.

## **2 - DESENVOLVIMENTO**

O estágio supervisionado é importante para a tomada de consciência de futuros profissionais da educação sobre as teorias estudadas ao longo dos cursos de formação para a docência. Convém salientar que além do teórico, é preciso compartilhar vivências didáticas realizadas no chão da escola. Assim, há uma necessidade de alunos vivenciarem a prática docente em escolas de educação básica. Sobre esse assunto, Pimenta (1999) advoga:

é imprescindível, assim, a inserção no contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula, essa é a maneira mais efetiva de proporcionar aos estagiários um contato com o ambiente que irão atuar.



Nesse contexto, é necessário que o aluno-estagiário tenha o apoio de professores orientadores da universidade em parceria com docentes que desempenhem ações pedagógicas na escola básica. Na esteira dessa discussão, a experiência de estágio aqui descrita contou com a orientação de duas professoras universitárias com formação nas áreas de Língua Portuguesa e História. A seguir tem-se uma breve súpula das discussões teóricas interdisciplinares que subsidiaram o processo de planejamento de aulas para a turma do 4º ano.

Sobre a perspectiva do letramento, convém destacar que nos últimos anos o ensino da Língua Portuguesa pauta-se em uma perspectiva de ensino delineada na noção de gêneros textuais. Estes circundam o meio social e consideram certas capacidades de linguagem. De acordo com Schneuwly e Dolz (1995), o gênero funciona como um modelo comum que determina um horizonte de expectativa para os membros de uma comunidade, confrontados às mesmas práticas de linguagem.

De início, pode-se salientar que é essencial possibilitar o contato dos alunos com os diversos gêneros textuais da esfera social (contos, cartas, entrevistas, notícias, dentre outros). Esse pressuposto é resultante da idéia de que os gêneros são instrumentos culturais, criados ao longo da história, para atender às demandas sociocomunicativas. Neste cenário, o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.

Apesar da necessidade de inserir no cotidiano escolar vários gêneros textuais, tem-se consciência de que em apenas quatro aulas, tempo que foi destinado para as regências, não seria possível abordar todos os gêneros existentes em determinado momento para a convivência diária dos estudantes. Então, para o estágio foram planejadas situações didáticas diversificadas que contemplam os gêneros instrucional, especificamente sobre regras de jogos e o gênero entrevista. Admite-se então que a essência do gênero textual se delibera, em primeiro lugar, por sua finalidade comunicativa.

Schneuwly e Dolz (1995) apontam-nos alguns encaminhamentos possíveis para o ensino centrado em gêneros textuais, o que parece atender aos propósitos do ensino de Língua Portuguesa, são eles: desenvolver a competência lingüístico-discursiva dos alunos, além de induzi-los a uma maior participação social e conseqüente exercício da cidadania.

As primeiras aproximações com os gêneros instrucional e entrevista revelaram sua amplitude e complexidade, além de ter permitido uma maior compreensão do referido



assunto, o que ofereceu subsídios para o trabalho de campo. Essa aproximação preliminar com a literatura também colaborou para se reafirmar a relevância do estágio supervisionado para a formação de estudantes do curso de Pedagogia.

No tocante aos conhecimentos teóricos que subsidiaram o ensino da história para as quatro aulas ministradas alguns aportes teóricos permearam a prática pedagógica. Entre eles estão os estudos de Bittencourt (2004), Fonseca (2003), Larrosa (2000) e Siman (2003).

Bittencourt (2004), analisou os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam o ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental. Fonseca (2003), traz algumas reflexões acerca de algumas das dimensões do ensino de história, vivenciadas por nós, na realidade educacional brasileira. Em seus estudos, esta autora advoga que discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos. Toda esta discussão nos leva a trabalhar história em uma perspectiva que nos conduz a debater sobre os desafios do futuro a partir do presente, reconstruindo um passado recente.

Compreende-se também que a perspectiva cronológica é relevante no processo da localização temporal, mas esta não deve ser restrita a compreender o tempo tomando como referência suas marcações. Os momentos em sala de aula que foram propostos através de manuseios de objetos utilizados em brincadeiras antigas e atuais permitiram que os alunos da turma compreendessem melhor as relações existentes entre as mudanças e semelhanças entre um tempo passado e a atualidade.

O cenário histórico atual tem nos revelado que com a velocidade das mudanças ocasionadas pela tecnologia e com o excesso de informação que é gerado por meio desta ferramenta tem-se um sujeito com mais informações do que antes, no entanto, ao mesmo tempo grande parte dessas informações não têm significação e sentido para o sujeito. De acordo com Larrosa (2002) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, é o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Uma dessas mudanças percebidas nos dias de hoje com o avanço da tecnologia está relacionada aos valores culturais na forma do brincar na infância, pois na atualidade as brincadeiras tradicionais por meio da influência das novas tecnologias vem sendo esquecidas e pouco vivenciadas nesta etapa tão importante para o desenvolvimento social, pessoal e



intelectual da criança. Diante disto, o resgate das brincadeiras tradicionais infantis são fontes enriquecedoras de preservar a produção cultural de um povo num certo momento histórico.

No ensino da história, para que a consciência histórica do tempo e do espaço possa ser compreendida pelos sujeitos, se faz necessário que o professor como mediador da aprendizagem possua uma prática que parta das questões do presente e do cotidiano do aluno para compreender e explicar as devidas situações encontradas, exigindo assim um diálogo com distintas temporalidades.

Na esteira dessa discussão, para que as aulas de história não sejam interpretadas como “chatas e matéria para memorização”, é preciso que os alunos estejam motivados e estimulados a aprender. Neste contexto, o lúdico aparece como instrumento pedagógico indispensável no desenvolvimento social, pessoal e intelectual do aluno. Para Piaget (1978) os jogos não são apenas para fins de entretenimento, também contribuem para o desenvolvimento intelectual, físico e mental dos indivíduos, fazendo com que os mesmos assimilem o que percebem da realidade.

Assim, na sala de aula da universidade foram realizadas leituras e discussões acadêmicas sobre o ensino de História e de Língua Portuguesa na atualidade. As docentes da disciplina apresentaram para a turma planos de aula desenvolvidas por turmas de semestres anteriores. No contato com esses planos de aula percebeu-se que poucas intervenções didáticas trouxeram o lúdico e a perspectiva da nova história cultural como respaldo para a prática. Tal diagnóstico motivou a realização de um estágio supervisionado com o tema brinquedos e brincadeiras.

Para dar início as atividades do estágio, foram feitas visitas na escola, duas observações da prática pedagógica para conhecimento da turma, da professora, e da dinâmica do espaço escolar. Assim, manteve-se contato com a equipe gestora da instituição. Solicitou-se ao gestor que indicasse uma professora que aceitasse a realização de observações e regências em sua turma. Para isso apresentou-se à equipe gestora da escola uma carta de encaminhamento emitida e assinada pelas professoras da disciplina de estágio, em que estavam explicitados os objetivos do estágio curricular.

Após a indicação da professora pela equipe gestora, recorreu-se a essa docente, a fim de confirmar o aceite e agendar as observações e regências. Deixou-se claro nesse contato que o objetivo era ministrar quatro aulas que envolvem de modo interdisciplinar a língua



portuguesa e história. Como planejado, foram realizadas todas as observações e regências em uma turma do 4º ano. Nas linhas seguintes é explicitado para o leitor algumas características da escola e da turma.

A escola que realizou-se o estágio é de pequeno porte, está localizada em uma comunidade carente e está localizada bem próximo à universidade. A instituição atende crianças de baixa renda, as salas de aula são pequenas. Salienta-se que a escola vem sendo espaço de atuação de diversos licenciandos da universidade.

O conjunto de informações obtidas através das observações e das regências em sala de aula, permite caracterizar o grupo-classe como estudantes autônomos e participativos. Alguns dos alunos eram tranquilos e outros mais inquietos. Em conversas informais com a turma os alunos foram questionados sobre o que gostam de fazer quando não estão na escola.

Em geral responderam que quando não estão no ambiente escolar, eles costumam fazer atividades como: assistir televisão, brincar no computador, visitar parentes, jogar bola, andar de bicicleta e brincar de boneca. Dos vinte e dois alunos nove eram do sexo feminino e treze do sexo masculino. Os alunos já estão apropriados do sistema alfabético, são aptos para realizar leituras e interpretação de textos, bem como realizar atividades de pesquisa para os problemas levantados em sala de aula.

Ao longo das duas aulas que foram observadas, foi possível perceber as características acima mencionadas. Na primeira aula observada a professora trabalhou com produção textual. Utilizou o texto "Minhas férias pula um linha parágrafo." Na segunda aula a docente trabalhou conteúdos de geografia, contemplou noções de localização espacial, mapas. Realizou uma dinâmica nomeada coelho sai da toca. A dinâmica permitiu que através de coordenadas geográficas os alunos trocassem de toca. Observou-se que o lúdico permeava o cotidiano dos estudantes.

Após as observações foram realizadas as regências. Para fins didáticos, as regências foram organizadas por títulos. A primeira regência recebeu o título **Resgatando a história de brincadeiras antigas: presença viva de um passado no presente.** A aula teve início com a dinâmica "quando eu era criança". Neste momento utilizou-se envelopes de três cores diferentes enumerados de um até quinze em ordem crescente disposto na parede da sala, onde cada envelope continha dicas das brincadeiras prediletas da estagiária.





A cada dica retirada do envelope, os alunos tiveram oportunidade de apresentar brevemente seu nome e dizer sua brincadeira favorita. Essa primeira dinâmica teve o objetivo de apresentar de forma lúdica as brincadeiras de rua mais frequentes nos anos noventa. Os alunos tiveram a oportunidade de refletir se algumas delas permanecem na atualidade.

No segundo momento, foi trabalhado a compreensão do brincar como uma ação humana ao longo de épocas. Para realizar esse exercício os alunos se organizaram em grupos. Cada grupo recebeu a imagem de uma brincadeira. Foram formados cinco grupos. Ao todo foram cinco imagens de - amarelinha -pião -cabo de guerra- elástico e vídeo game. Coube a cada grupo organizar de forma cronológica, em uma ordem temporal, da mais antiga para a mais atual na ordem que o grupo achava mais conveniente, em seguida deveriam explicar os motivos pelos quais eles achavam que algumas imagens representavam épocas distintas da que estamos. Os alunos fizeram uso de vários critérios para classificar as brincadeiras das mais antigas para as atuais.

Os alunos foram questionados se já tiveram contato com as brincadeiras das imagens - se ouviram relatos de alguém que já brincou -se são brincadeiras que estão em vigor na atualidade, caso não por que caíram em desuso? As crianças responderam que eram brinquedos e brincadeiras que já brincaram- que adoravam brincar de amarelinha, elástico e vídeo game. Alguns comentaram que o pião era uma brincadeira que seus pais gostavam na infância e que o vídeo game é um dos brinquedos que seu pai e tios adoram jogar até hoje.

Neste contexto as mudanças e as permanências da forma do brincar antigamente e nos dias de hoje podem ser percebidas no tempo histórico a partir do contato com a memória do grupo de referência familiar. Na sequência, a estagiária explicou a história de cada uma daquelas brincadeiras, explicitando as diferentes formas de brincar e nomenclaturas de acordo com as regiões do Brasil e depois no contexto internacional.

Na sequência, a estagiária perguntou para turma qual seria a melhor forma de descobrir as brincadeiras que as pessoas mais velhas da família se divertiam quando eram crianças. Assim, um dos alunos respondeu que realizar uma entrevista seria a melhor forma. Todos da turma concordaram e estavam empolgados para falar da utilidade de uma entrevista.

A mediadora realizou com os estudantes um breve momento de discussão sobre a função da entrevista no meio social. Em seguida, foi distribuído para a turma um texto que relatava uma entrevista com Maurício de Souza. Cada aluno leu silenciosamente.



Depois, alguns alunos simulavam o papel de entrevistador e outro de entrevistado.

Findado esse exercício, a estagiária esquematizou de forma coletiva no quadro-branco um breve roteiro de entrevista para os estudantes realizarem com os familiares sobre o tema brincadeiras. As questões contemplaram diversos pontos como: se gostavam de brincar na rua, se estabeleciam novas regras entre os componentes do grupo, se existia um número máximo ou mínimo de jogadores, se os jogos eletrônicos apareciam com frequência, entre outros. A primeira aula foi encerrada com a brincadeira telefone sem fio. Algumas frases foram faladas pela estagiária, outras foram criadas pelas próprias crianças. Essas frases estavam ligadas ao tema brincadeiras.

A segunda regência, intitulada **Brinquedos e brincadeiras: Aprofundando as relações no tempo e no espaço** teve início com a brincadeira amarelinha. Uma grande amarelinha feita de emborrachado foi estendida no chão da sala. usufruíram cerca de trinta minutos. Feito isso, os estudantes foram questionados se conseguiram realizar a entrevista com os familiares. Em suma, apenas metade da turma realizou a atividade. Diante dessa situação, os que realizam a atividade socializaram a experiência de entrevistar alguém mais velho.

Terminado esse momento, os alunos tiveram a oportunidade de entrevistar diferentes funcionários da escola. estavam organizados em grupos. Cada grupo teve um entrevistado e cada componente teve a oportunidade de realizar perguntas. Convém salientar que esses exercícios de realizar entrevistas proporcionou uma maior integração dos alunos com um público mais maduro.

Os alunos voltaram para a sala de aula e em uma roda de conversa relataram para a estagiária os principais aspectos das respostas coletadas e a experiência de ser um entrevistador. A turma gostou bastante da experiência. De acordo com Larrosa (2002) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, é o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Na sequência, vários brinquedos (antigos e mais atuais) foram dispostos sobre a mesa da professora. Cada aluno teve a oportunidade de escolher um brinquedo e escrever um texto justificando a escolha do objeto, descrever as características, possíveis regras para uso e com quem gostaria de brincar. A atividade foi realizada com sucesso.





Depois do intervalo a estagiária realizou com os alunos a atividade caça ao tesouro. Dentro de cada envelope tinham características de certas brincadeiras. Coube aos estudantes acertar o nome da brincadeira e vivenciá-la, só assim passavam para a próxima pista. Os alunos chegaram até o tesouro. quando abriram o tesouro, descobriram três jogos, são eles: Ludo, jogo dos sete erros e resta um. Toda a turma tentou brincar sem conhecer as regras, mas, sentiram dificuldades.

Assim, a estagiária fixou no quadro cartazes que continham explícitas as regras para cada um dos jogos. Os alunos leram coletivamente cada uma. Em seguida, a estagiária convidou os alunos para jogarem conhecendo as regras. Tudo ficou bem mais fácil.

Na terceira regência, intitulada **Aprendendo a confeccionar brinquedos com garrafas pet**, a estagiária iniciou a aula com uma maleta misteriosa. A maleta passou pela mão de cada aluno, no entanto não abriram. Para findar a curiosidade, a estagiária abriu a maleta. Dentro dela haviam três brinquedos confeccionados com garrafa pet. Esse brinquedos eram: bilboquê, boliche, vai e vem. Os alunos ficaram curiosos para saber como confeccionar. Antes de informá-los o passo a passo da confecção, foi feita uma breve explicação sobre a origem desses brinquedos.

Para explicar como confeccionar cada um dos três brinquedos, foram exibidos no data show alguns vídeos explicando o passo a passo da construção. Convém dizer que a escola tinha em estoque garrafas pet, o que possibilitou a confecção dos brinquedos no momento da aula. cada aluno ficou livre para confeccionar o brinquedo que mais gostou. O bilboquê foi campeão em preferência.

A quarta e última regência intitulada "**Produzindo um livro de brincadeiras**", foi realizada uma roda de conversa em que discutimos as brincadeiras que mais gostaram e relembramos suas regras, compartilhamos experiências. Sendo assim, convidei os alunos para que de forma coletiva produzíssemos um pequeno livro de brincadeiras. Os estudantes toparam. As folhas do livro foram compostas por cartolinas coloridas. Cada dupla de aluno recebeu uma cartolina, que dobrada ao meio ficava disposta em forma de uma grande página de livro. As brincadeiras mais recorrentes foram amarelinha, bilboquê e futebol.

Cada aluno escreveu o nome da brincadeira, formas de brincar, regras, experiências com amigos e famílias ao vivenciá-las, entre outros aspectos. Alguns alunos utilizaram recorte



de revistas para ilustrar a capa do livro, que teve como título: "Livro de brincadeiras". Levaram bastante tempo para finalizá-lo.

Findada a atividade, a turma passou pelas demais salas de aula e apresentou de forma breve a produção que realizaram. O trabalho foi elogiado e passou a integrar o acervo da biblioteca da escola. Convém dizer que ao longo das quatro regências a professora da turma estava presente e preenchia uma ficha avaliativa proposta pela universidade.

### **3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O início da prática docente é uma fase tão relevante quanto difícil na constituição da carreira de professor. Sendo assim, no anseio de corresponder ao desafio de promover uma prática pedagógica fundada em bases sólidas, na unidade teoria e prática, tomo-se este estágio supervisionado como uma prática formadora coletiva e interdisciplinar que demanda do professor em formação um olhar direcionado para as diferentes relações que acontecem em sala de aula, bem como os saberes e competências necessários ao exercício da profissão docente.

Nas aulas lecionadas descobriu-se a necessidade de dar atenção ao manejo das idéias dentro do discurso da sala de aula e não somente o modo de lidar com os estudantes. Nesse ponto destaca-se a aprendizagem que foi sendo construída, tornar os conteúdos significativos para os alunos e apresentá-los de forma prazerosa.

O estágio supervisionado constitui-se como relevante tanto para a escola, quanto para alunos e professores da disciplina pesquisa e prática pedagógica uma vez que contribuiu para um repensar das práticas pedagógicas dos professores na escola pública de modo a garantir o efetivo sucesso de crianças de baixa renda no contexto escolar.

É pertinente reconhecer que apesar das especificidades das escolas municipais, esses espaços garantem uma formação profissional inicial e também, as chances de aperfeiçoamento pelas trocas que possam ser efetivadas entre professores experientes, iniciantes e formadores.

As ações desempenhadas no decorrer deste estágio supervisionado contribuiu para melhorar a formação de docentes da área de Pedagogia, o que vem fortalecer e qualificar ainda mais o Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE como



instância preocupada em formar professores identificados com a realidade da escola pública.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de História**. São Paulo: Papirus, 2003.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIMENTA. Selma Garrido (Org). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 1999.

SIMAN, L. M. C.. **A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafio para o ensino e aprendizagem**. In: Vera Lúcia Sabongi de Rossi; Ernesta Zamboni. (Org.). Quanto tempo o tempo tem. Campinas: Alínea Editora, 2003, v. , p. 109-143.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino**, Campinas: Mercado de Letras 1995.